A RELAÇÃO ENTRE O DESAMPARO INFANTIL E AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS NA VIDA ADULTA À LUZ DA TERAPIA DO ESQUEMA

Olga Lage Pedro Neta, Christiana Villela de Andrade Strauss

Universidade do Vale do Paraíba/Faculdade de Educação e Artes, Curso de Psicologia
Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil,
olguinhapedro26@gmail.com, christiana.strauss@univap.br

Resumo
O presente estudo tem como intuito compreender a relação entre as vulnerabilidades ambientais e psicológicas durante a infância e suas influências nas relações interpessoais na vida adulta. Para isso, realizou-se um levantamento bibliográfico de periódicos publicados entre 2005 e 2025 articulados ao tema proposto. Os resultados corroboram a existência de uma associação entre o desamparo infantil e as dificuldades relacionais a longo prazo. Enfatiza-se, todavia, a importância de evitar um viés determinista, adotando-se a concepção biopsicossocial, a qual é interseccionada por condições genéticas, biológicas, psicológicas e pelas interações sociais. Ademais, sob a ótica da Terapia do Esquema, a literatura evidenciou a relação entre estímulos e comportamentos decorrentes de experiências de vulnerabilidade, bem como associações comportamentais na interação social, a exemplo dos Esquemas Iniciais Desadaptativos do domínio de Desconexão e Rejeição e das implicações cognitivas e comportamentais diante de situações associadas a eventos anteriores de desamparo ambiental e psicológico.

Palavras-chave: Psicoterapia. Terapia do Esquema. Esquemas Iniciais Desadaptativos. Desamparo.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas

Introdução

É de conhecimento geral que a infância se constitui como um período relevante para a organização das experiências de cuidado, da personalidade, da regulação emocional e dos modelos de relacionamento que podem acompanhar o indivíduo ao longo da vida. Nesse contexto, é por meio do contato com os provedores de cuidado que o indivíduo em desenvolvimento estabelece a relação com as representações sobre si mesmo, sobre os outros e sobre o mundo. Essas experiências iniciais influenciam diretamente a maneira como o indivíduo percebe os relacionamentos e vincula-se em outras fases do desenvolvimento humano (Bowlby, 1989; Young; Kloslo; Weishaar, 2008).

Nesse sentido, entende-se a importância da qualidade das relações estabelecidas durante a infância para o desenvolvimento emocional e social do indivíduo. Entretanto, quando as necessidades de cuidados básicos emocionais e ambientais não são atendidas, podem-se apresentar dificuldades associadas à percepção de si, confiança nos outros e à regulação das emoções. Ainda assim, ressalta-se que apenas o desamparo, de maneira isolada, não afeta integralmente o desenvolvimento psicológico do indivíduo em razão da associação de ambos os aspectos, como biológicos, psicológicos, ambientais e sociais, mas podem apresentar aspectos que contribuem para a formação de padrões presentes em diferentes fases do desenvolvimento humano.

A esse respeito, Jeffrey Young desenvolveu a Terapia do Esquema, ampliando a perspectiva da terapia cognitivo-comportamental ao propor o conceito de Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs). Entendem-se os esquemas como padrões amplos e persistentes constituídos por memórias, emoções, cognições e percepções sobre si mesmo e sobre as relações com os outros. Desenvolvidos durante a infância e a adolescência, esses padrões estão relacionados às necessidades emocionais básicas que não foram adequadamente atendidas e afetam a forma como o indivíduo interpreta suas experiências ao longo da vida (Young; Klosko; Weishaar, 2008; Valentini; Alchieri, 2009).

Paralelamente a essa dinâmica, considera-se a negligência infantil como uma forma de violência que apresenta barreiras para sua identificação, principalmente quando ocorre no âmbito emocional e não manifesta sinais físicos evidentes. Além disso, o próprio conceito de negligência envolve aspectos relacionados às condições familiares, sociais e culturais, não devendo ser analisado de forma isolada

ou descontextualizada (Mata; Silveira; Deslandes, 2017). Quando relacionada à dimensão afetiva, a negligência engloba a ausência de atenção, acolhimento, responsividade e reconhecimento das necessidades emocionais da criança.

Diante desse contexto, o presente trabalho tem como objetivo analisar, por meio de uma revisão bibliográfica narrativa, de que maneira as experiências de desamparo infantil, especialmente em suas dimensões ambiental e afetiva, relacionam-se aos padrões de relacionamento interpessoal observados na vida adulta, tendo como principal referencial teórico a Terapia do Esquema.

Metodologia

O levantamento bibliográfico foi realizado nas bases *Scientific Electronics Library Online* (SciELO) e Portal de Periódicos em Psicologia (PePSIC), além da consulta a periódicos científicos nacionais. Foram utilizados os descritores “desamparo infantil”, “negligência afetiva”, “terapia do esquema”, “esquemas iniciais desadaptativos” e “relações interpessoais”, combinados por meio do operador booleano *AND*.

Também se utilizou como base teórica a obra *Terapia do esquema: guia de técnicas cognitivo-comportamentais inovadoras*, de Young, Klosko e Weishaar (2008), considerada referência fundamental para a compreensão dos Esquemas Iniciais Desadaptativos, dos estilos de enfrentamento e da reparentalização limitada.

Consideraram-se artigos científicos publicados entre 2005 e 2025 que abordassem, de forma direta ou indireta, a relação entre experiências adversas na infância, negligência, apego, esquemas e funcionamento interpessoal. Por se tratar de uma revisão narrativa, a seleção dos estudos teve como finalidade possibilitar a articulação teórica entre os trabalhos encontrados.

Após o levantamento bibliográfico, os estudos encontrados foram submetidos à leitura dos títulos e resumos, considerando sua pertinência ao tema e sua relação com os objetivos do trabalho. Em seguida, os textos potencialmente relevantes foram lidos na íntegra, sendo excluídos aqueles que não apresentavam relação direta ou indireta com as experiências adversas na infância, negligência, apego, Esquemas Iniciais Desadaptativos, Terapia do Esquema ou funcionamento interpessoal na vida adulta. Ao final desse processo, cinco artigos científicos foram selecionados e utilizados na construção da revisão narrativa, juntamente com a obra de Young, Klosko e Weishaar (2008), utilizada como referência teórica fundamental.

Resultados

Entende-se o conceito de desamparo infantil, de maneira ampla, como uma situação na qual a criança não recebe, de forma suficiente, os cuidados necessários à sua proteção e ao seu desenvolvimento. Também, envolvem-se tanto aspectos ambientais como segurança, proteção e provisão de necessidades básicas, quanto aspectos afetivos, relacionados à disponibilidade emocional, ao acolhimento e à responsividade dos cuidadores.

Partindo dessa premissa, Mata, Silveira e Deslandes (2017) destacam que o conceito de negligência não deve ser compreendido de maneira simplificada. A partir da sua identificação, consideram-se as condições em que o indivíduo está inserido, como questões sociais, culturais, afetivas e dos cuidadores. Dessa forma, a negligência assume diferentes manifestações e intensidades ao longo do ciclo vital. Ainda assim, referente à negligência emocional, observa-se a apresentação de características complexas, uma vez que as implicações nem sempre são imediatamente visíveis de forma física.

Nesse sentido, a ausência persistente de atenção, acolhimento e reconhecimento das necessidades emocionais da criança interfere na construção de recursos para o amadurecimento psicológico. De acordo com Souza e Oliveira (2025), ao argumentarem sobre essa dimensão afetiva, os autores destacam possíveis repercussões negativas relacionadas ao desenvolvimento das competências de inteligência emocional. Em consonância com esse panorama, Araújo e Moucherek (2022), em uma revisão integrativa sobre o abandono afetivo na infância, identificaram na literatura amplas consequências psicológicas associadas a experiências de ausência afetiva, relacionadas à autoestima, à confiança e ao funcionamento emocional adaptativo.

No entanto, ressalta-se a necessidade de evitar uma compreensão determinista dessas experiências precoces. O fato de um indivíduo ter experienciado episódios de negligência ou desamparo na infância não determina a apresentação de dificuldades psicológicas ou relacionais na

vida adulta. O desenvolvimento humano é influenciado por múltiplos fatores sob um viés biopsicossocial, o qual inclui características biológicas, psicológicas, o contexto macrossocial e as possibilidades posteriores de suporte, resiliência e proteção.

Discussão

À luz dessa compreensão multicausal e não determinista, a Terapia do Esquema desenvolve-se como um modelo psicoterapêutico integrativo que incorpora contribuições de diferentes abordagens para compreender padrões emocionais e relacionais persistentes. O modelo foi elaborado para auxiliar os indivíduos com dificuldades nos padrões associados aos transtornos de personalidade (Young; Klosko; Weishaar, 2008; Von Mühlen; Amaral; Oliveira, 2025). O conceito central dessa abordagem reside no Esquema Inicial Desadaptativo. Segundo Young, Klosko e Weishaar (2008), entendem-se os esquemas como padrões amplos e persistentes que envolvem memórias, emoções, cognições e sensações corporais relacionadas à percepção de si mesmo e às relações com outras pessoas. Esses padrões desenvolvem-se predominantemente durante a infância e a adolescência e ajustam-se ao longo da vida.

Ainda assim, para Young, os esquemas organizam-se em cinco domínios: Desconexão e Rejeição; Autonomia e Desempenho Prejudicados; Limites Prejudicados; Orientação para o Outro; e Hipervigilância e Inibição (Valentini; Alchieri, 2009). Esses domínios associam-se às necessidades emocionais básicas que não foram suficientemente atendidas durante o desenvolvimento. Sob esse ponto de vista, experiências familiares caracterizadas por frieza emocional, rejeição, punição, privação, inconsistência ou superproteção contribuem para o desenvolvimento de determinados esquemas (Valentini; Alchieri, 2009). Assim, a Terapia do Esquema apresenta-se como uma estrutura teórica para compreender como as experiências precoces influenciam padrões emocionais e comportamentais na maturidade.

Em consequência, a Terapia do Esquema relaciona-se com a teoria do apego desenvolvida por Bowlby. Para o autor, as experiências estabelecidas com os provedores de cuidado cooperam para a construção de modelos internos de funcionamento, os quais influenciam os relacionamentos e as perspectivas da criança sobre si mesma, sobre os outros e sobre a disponibilidade de proteção e cuidado (Bowlby, 2004). Somado a isso, quando as experiências de cuidado são estabelecidas por inconsistência, negligência ou baixa responsividade emocional, o ambiente favorece a consolidação de padrões de apego inseguros. Esses padrões influenciam a maneira como o indivíduo interpreta situações de proximidade, rejeição, abandono e confiança ao longo do desenvolvimento.

A partir da relação entre as teorias, a perspectiva correlaciona-se com o domínio de Desconexão e Rejeição da Terapia do Esquema, que inclui os esquemas de abandono/instabilidade, desconfiança/abuso, privação emocional, defectividade/vergonha e isolamento social (Valentini; Alchieri, 2009). Ainda assim, os esquemas são particularmente relevantes para a compreensão das experiências de desamparo, pois envolvem a expectativa de que as necessidades emocionais não serão atendidas, de que outras pessoas poderão abandonar ou prejudicar o indivíduo e de que este carece de valor para ser digno de amor ou aceitação.

É importante, entretanto, compreender que a relação entre a teoria do apego e os esquemas iniciais desadaptativos não reproduz um determinismo linear na formação dos esquemas. Trata-se de modelos teóricos que apresentam pontos de aproximação e contribuem conjuntamente para a compreensão das experiências relacionais.

Dessa forma, a relação entre as experiências adversas na infância e os padrões relacionais posteriores encontram respaldo em estudos que investigam os Esquemas Iniciais Desadaptativos. Como resultado na vida adulta, esses padrões manifestam-se de diferentes maneiras conforme o esquema ativado. A partir das experiências de um indivíduo que apresenta expectativas relacionadas ao abandono, tende-se a manifestar maior preocupação com a possibilidade de perder pessoas importantes. Ainda assim, o paciente que desenvolveu o esquema de desconfiança/abuso orienta-se a interpretar determinadas situações de relacionamento a partir da expectativa de ser enganado ou prejudicado. Já uma pessoa com características relacionadas à privação emocional apresenta dificuldades para reconhecer ou esperar acolhimento e disponibilidade afetiva dos outros.

No entanto, ressalta-se que as manifestações não sucedem de maneira equivalente em todos os indivíduos. A partir da Terapia do Esquema, diferentes estímulos suscitam distintos estilos de enfrentamento diante de um mesmo esquema.

Segundo Young, Klosko e Weishaar (2008), diante da ativação de um esquema, o indivíduo desenvolve diferentes estilos de enfrentamento, tradicionalmente descritos como rendição, evitação e supercompensação. Ademais, na rendição, o indivíduo tende a entender o esquema como verdadeiro e reproduz padrões de relacionamento que estão de acordo com suas crenças negativas. Na evitação, procura afastar-se de situações, sentimentos ou relacionamentos que possam ativar o esquema. Por fim, na supercompensação, o indivíduo adota, comportamentos que parecem contradizer o esquema, como controle excessivo, desconfiança intensa ou necessidade exagerada de independência.

Por conseguinte, os efeitos das experiências de desamparo manifestam-se em diferentes tipos de relacionamento. Nos vínculos amorosos, aparecem por meio do medo de abandono, da necessidade intensa de aprovação, da dificuldade de confiar ou do receio de estabelecer intimidade. Nas relações sociais, relacionam-se a sentimentos de inadequação, isolamento ou dificuldade em expressar necessidades emocionais. Já no contexto profissional, encontram-se dificuldades de confiança, autoestima ou regulação emocional, que também interferem nas relações estabelecidas com colegas e figuras de autoridade. Contudo, ressalta-se que as manifestações não sucedem a literatura analisada não afirma que a negligência infantil seja, de forma isolada, responsável por tais dificuldades na vida adulta.

Dessa maneira, os esquemas não funcionam como comportamentos específicos, mas como estruturas que influenciam a interpretação das experiências e favorecem diferentes formas de enfrentamento. As evidências discutidas nesta revisão indicam que experiências de negligência e adversidade durante a infância associam-se a dificuldades posteriores relacionadas à autoestima, à confiança, à regulação emocional e ao funcionamento interpessoal (Araújo; Moucherek, 2022; Souza; Oliveira, 2025). Entretanto, essas associações não devem ser interpretadas como relações causais simples, pois múltiplos fatores participam do desenvolvimento psicológico.

Frente a essa complexidade relacional, a Terapia do Esquema apresenta recursos para identificar e compreender padrões que permanecem ativos na vida adulta. O processo terapêutico busca favorecer o reconhecimento dos esquemas, dos estilos de enfrentamento e das situações que contribuem para sua ativação, possibilitando ao paciente desenvolver maneiras mais adaptativas de responder às próprias necessidades emocionais (Young; Klosko; Weishaar, 2008). Nesse contexto, a reparentalização limitada constitui um dos recursos utilizados pela abordagem. Por meio dela, o terapeuta proporciona, a partir da relação terapêutica, experiências corretivas relacionadas às necessidades emocionais que não foram adequadamente atendidas durante o desenvolvimento, como validação, acolhimento, segurança e consistência integram essa proposta (Young; Klosko; Weishaar, 2008).

Entretanto, o objetivo não reside em substituir as relações familiares ou reproduzir literalmente uma relação parental, mas em proporcionar uma experiência terapêutica que permita ao paciente reconhecer suas necessidades, compreender seus padrões e construir formas mais adaptativas de relacionamento. A literatura contemporânea brasileira também tem contribuído para a avaliação dos esquemas, modos e estilos parentais relacionados à Terapia do Esquema, conforme apontam os estudos de Von Mühlen, Amaral e Oliveira (2025).

Conclusão

Em vista dos argumentos apresentados, a partir da revisão narrativa, buscou-se analisar a complexa relação entre as experiências de desamparo na infância e os padrões de relacionamento interpessoal na vida adulta, fundamentando-se nos pressupostos teóricos da Terapia do Esquema e da Teoria do Apego. A partir do levantamento bibliográfico e da articulação conceitual realizados, evidencia-se que o ambiente inicial de cuidados desempenha um papel de relevância na estruturação dos modelos internos de funcionamento e na posterior consolidação da personalidade, mas não se interpretam de maneira determinista e causal essas relações.

Ainda assim, demonstrou-se que a negligência em sua dimensão afetiva — caracterizada pela ausência de responsividade, validação e consistência emocional por parte dos provedores de cuidado — atua como um importante fator de vulnerabilidade para a formação dos Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs), especificamente aqueles nucleados no domínio de Desconexão e Rejeição. Tais esquemas, como privação emocional, abandono e desconfiança/abuso, tendem a prolongar-se de modo recorrente, moldando de maneira disfuncional as expectativas do indivíduo em relação à disponibilidade e à segurança nos vínculos estabelecidos na maturidade.

Contudo, salienta-se que as informações desta pesquisa convergem para a rejeição de qualquer viés determinista. Sob a ótica do modelo biopsicossocial, o desenvolvimento humano é concebido como um processo dinâmico e multicausal. Dessa forma, a vivência do desamparo infantil não se traduz em um destino patológico inevitável; conforme preconizam Young, Klosko e Weishaar (2008), o impacto real dessas adversidades precoces é continuamente mediado por questões biológicas, pela presença de fatores protetivos externos, por vivências relacionais posteriores e pelo tipo de estilo de enfrentamento adotado diante da ativação esquemática.

No âmbito clínico, a Terapia do Esquema demonstra-se relevante ao oferecer uma via de intervenção, como a reparentalização limitada proporcionando ao paciente uma experiência emocional genuína no espaço terapêutico, capaz de suprir as necessidades básicas outrora negligenciadas e de flexibilizar esquemas rígidos de rejeição e desamparo.

Por fim, reconhece-se como limitação deste estudo o seu caráter narrativo. Diante disso, recomenda-se a realização de futuras investigações empíricas, de caráter longitudinal e qualitativo, que possam mapear de forma mais refinada as variáveis mediadoras entre os históricos de negligência emocional e os desfechos nas dinâmicas das relações sociais. Compreender tais nuances biopsicossociais é fundamental para o aperfeiçoamento de estratégias preventivas e psicoterapêuticas focadas na promoção da saúde mental e de vínculos interpessoais mais saudáveis e adaptativos.

Referências

ARAÚJO, Raquel Figueira de Sousa; MOUCHEREK, Michelle Correa. Abandono afetivo na infância e os danos psicológicos: uma revisão integrativa da literatura. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 15, e274111536934, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i15.36934. Disponível em: https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/36934. Acesso em: 7 ago. 2026.

BOWLBY, John. **Apego e perda:** apego. v. 1. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BOWLBY, John. **Uma base segura:** aplicações clínicas da teoria do apego. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

MATA, Natália Teixeira; SILVEIRA, Liane Maria Braga da; DESLANDES, Suely Ferreira. Família e negligência: uma análise do conceito de negligência na infância. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 22, n. 9, p. 2881-2888, 2017. DOI: 10.1590/1413-81232017229.13032017. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1413-81232017229.13032017. Acesso em: 7 ago. 2026.

SOUZA, Mônica Monaliza Santos; OLIVEIRA, Márcio Rubens de. Negligência emocional na infância e seus impactos no desenvolvimento das competências da inteligência emocional. **Revista Psicologia em Foco**, v. 15, n. 21, p. 220-240, 2025. Disponível em: https://revistas.fw.uri.br/psicologiaemfoco/article/view/4302. Acesso em: 7 ago. 2026.

VALENTINI, Felipe; ALCHIERI, João Carlos. Modelo clínico de estilos parentais de Jeffrey Young: revisão da literatura. **Contextos Clínicos**, v. 2, n. 2, p. 113-123, 2009. DOI: 10.4013/4920. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822009000200006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 7 ago. 2026.

VON MÜHLEN, Mara Cristiane; AMARAL, Nathalia Basso do; OLIVEIRA, Margareth da Silva. Terapia do esquema de Jeffrey Young: instrumentos de avaliação de esquemas, modos e estilos parentais no Brasil. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, v. 21, e20250565, 2025. DOI:https://doi.org/10.5935/1808-5687.20250565 Disponível em: https://www.rbtc.org.br/detalhe_artigo.asp?id=479. Acesso em: 7 ago. 2026.

YOUNG, Jeffrey E.; KLOSKO, Janet S.; WEISHAAR, Marjorie E. **Terapia do esquema:** guia de técnicas cognitivo-comportamentais inovadoras. Porto Alegre: Artmed, 2008.